

Violência e Feminicídio no isolamento social: uma análise de discurso de narrativas ocorridas durante a pandemia de Covid-19, no Portal de Notícias GZH¹

Marislei da Silveira Ribeiro²
Luíza Carvalho Mattea³
Universidade Federal de Pelotas

RESUMO

A violência doméstica é um tema que vem ganhando cada vez mais destaque nas pautas sociais, suscitando questionamentos e mudanças sócio-política-cultural, principalmente por uma atenção dos governantes em elaborar políticas públicas, como forma de discutir e sanar esse problema social. Porém, apesar dos avanços obtidos pelos movimentos feministas ao longo dos anos, as mulheres ainda são representadas na sociedade por meio de estereótipos que reforçam a ideia de submissão ao homem. Assim, inseridas em uma cultura patriarcal e machista, diversas mulheres são vítimas de violência todos os dias, resultando em índices alarmantes no país. Somente em 2020, o Brasil registrou 105.821 denúncias de violência contra a mulher. Além disso, em 66% dos casos de agressão e em 58% dos casos de feminicídio, os autores do crime eram companheiros ou mantinham algum relacionamento afetivo com a vítima. Com o avanço da pandemia do coronavírus (Covid-19) em 2020, a mídia passou a noticiar casos de violência doméstica e, principalmente, feminicídio com mais frequência. Nesse sentido, mulheres que já estavam inseridas em um contexto violento se tornaram ainda mais vulneráveis por conta do maior contato com o agressor, decorrente da recomendação de isolamento social como forma de conter o agravamento da doença. Ao longo desse período, também foi observada a subnotificação dos casos, resultado da dificuldade em denunciar a violência e da falta de acesso aos canais de atendimento e apoio à mulher. A partir disso, esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar o discurso do portal de notícias GZH nos casos de feminicídio ocorridos no Rio Grande do Sul no período da

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Doutora em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da FAMECOS-PUC/RS. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e-mail: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

³ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), e-mail: luizamattea@gmail.com

pandemia de Covid-19. Além disso, o problema deste estudo questiona: qual é o discurso empregado pelo portal de notícias em casos de violência contra a mulher e feminicídio? Tendo em vista que o foco da análise é o Rio Grande do Sul, a escolha do veículo foi feita por se tratar de um dos maiores jornais de circulação do estado. O objeto desta pesquisa se constitui por quatro notícias veiculadas no portal de comunicação GZH, em 2020 e 2021 que tratam de maneira detalhada o feminicídio, contemplando a relação entre homem e mulher. As notícias analisadas têm como título, respectivamente: “Homem que matou ex-mulher em Gravataí estaria inconformado com separação”; “O foco dele era a Luíza, não conseguia se concentrar em outra coisa”: diz mãe de jovem de 22 anos assassinada pelo ex-namorado no Alto Petrópolis”; “Do trabalho como atriz pornô ao vício em drogas: a história da mulher encontrada morta em Novo Hamburgo”; e “Mãe de jovem que teve corpo esquartejado conta que namorado não deixava filha estudar e trabalhar”. Considerando o objetivo destacado anteriormente, foram utilizados os conceitos empregados pela Análise de Discurso sob a perspectiva de Orlandi (2009). Essa metodologia busca entender o sentido do texto não apenas analisando a linguagem utilizada mas, principalmente, a relação entre a ideologia e a construção social do discurso. Assim, a principal intenção da pesquisa é evidenciada pela possibilidade de analisar o dito, o não-dito, o interdiscurso, a produção de sentidos e as construções ideológicas. Orlandi (2009) destaca que a Análise de Discurso busca entender como um objeto simbólico produz sentidos por e para os sujeitos. São os próprios indivíduos que estabelecem sentido aos objetos e a interpretação do discurso dependerá das experiências vividas por cada sujeito envolvido no processo, expressando valor social. Por isso, a posição ocupada por uma pessoa em relação à outra, bem como o contexto em que estão inseridas, define a forma como a informação é passada e interpretada, pois há construção social por trás do discurso. Sendo assim, a metodologia procura compreender os textos por meio da produção de sentidos que eles provocam nos sujeitos. Diferentemente de análises textuais que buscam entender o que o texto diz, a Análise de Discurso está preocupada em investigar como o texto diz, quais seus significados e sentidos produzidos. Trata-se de um processo de significação, em que emissor e receptor se relacionam simultaneamente e

produzem sentidos em um determinado contexto. Dito isso, quando se aborda a representação da mulher, é importante trazer para a discussão os conceitos de gênero. Ao questionar a distinção entre sexo e gênero empregada pelo feminismo, em que o primeiro corresponderia à questão biológica e o segundo ao domínio sociocultural, Butler (2010) destaca ambos como uma construção social, na qual estão sempre se relacionando. Isso porque seria impossível separar corpo e mente, pois se tratam de construções feitas ao longo da vida, as quais são baseadas nos códigos vigentes na sociedade. Assim, a ideia de gênero seria um efeito do sujeito, que não se apresenta estável, tornando a identidade uma expressão e não um sentido em si do sujeito. Apesar dos avanços da sociedade contemporânea, a representação da mulher na mídia ainda vem ocorrendo de forma similar, reduzindo-a, na maioria das vezes, a personagem coadjuvante. Em comerciais, anúncios ou programas de televisão, a figura feminina é sempre utilizada para chamar a atenção do consumidor, insinuando-a como um produto comercial. Retratadas como belas, jovens, delicadas e sensíveis, as mulheres são objetificadas e cada vez mais forçadas a aderirem um modelo de beleza padronizado, que as violenta desde muito cedo (MORENO, 2017). Assim, a mídia vai construindo o padrão da mulher perfeita, que deve seguir regras de conduta e aparência aceitas socialmente, fazendo com que um espaço em que seria possível transmitir ideias e opiniões se transforme em mero expositor de emoções femininas. A reiteração desse estereótipo, que retoma valores conservadores da sociedade, impõe um papel limitado à mulher, reduzindo suas possibilidades de atuação e banalizando anos de luta para conquistar avanços sociais tão importantes (MORENO, 2017). A imagem da mulher não é retratada com base em suas diferenças como indivíduo, mas sim se levando em consideração as limitações causadas pela diferença de gênero. O simples fato de se tratar de uma figura feminina já carrega significado por conta de sua representação, na qual são impostos limites de comportamento e oportunidades que devem ser seguidos pelas mulheres. Por sua vez, essas representações revelam a dominância simbólica do masculino, que é representado pelo “ser homem”, mas também pelo indivíduo, em relação à figura feminina, definida apenas pelo “ser mulher”. (AMANCIO, 1993). Essa imagem estereotipada da mulher acaba desencadeando uma série de violências, até

mesmo no âmbito da mídia. Ao explorar as matérias e suas características específicas, verificou-se que, de uma maneira geral, as narrativas do veículo estão inseridas em uma memória discursiva que remete ao contexto sócio-histórico da submissão da mulher, determinado pela cultura patriarcal. Como resultado, foi possível observar que os textos produzem sentidos que abordam o crime de gênero como um episódio isolado de passionalidade, resultado dos comportamentos e escolhas da mulher. Ao contrário do que se espera de uma narrativa jornalística, principalmente tratando-se de uma temática de grande relevância social, os conteúdos não são produzidos com o intuito de informar a sociedade sobre o que caracteriza a violência doméstica e o feminicídio, bem como as formas de denúncia e punição para o crime. Apesar de todas as reportagens apontarem o crime como feminicídio, situação em que a morte ocorre em decorrência do gênero, o jornal ainda produz discursos que repercutem um sistema que privilegia os homens e suas vontades, expondo a mulher como submissa e dependente da figura masculina. Por meio de formações discursivas que colocam em prova a índole feminina, questionando elementos como sua profissão e suas escolhas, a narrativa reforça uma ideologia que oprime e controla as mulheres, evidenciando que, até mesmo quando são assassinadas, carregam parcela significativa da culpa. Isso ocorre em virtude de discursos que, ainda hoje, reforçam os estereótipos em torno da imagem feminina, objetificando e desvalorizando a mulher. Além disso, ao falar sobre violências mais sutis e implícitas, os jornalistas optaram por não tipificar o crime, como no caso da violência psicológica, contribuindo ainda mais com um cenário de subnotificação dos casos. Um exemplo dessa situação pode ser visto no trecho “passou a buscar formas de humilhá-la, procurando defeitos e dizendo que a jovem estava engordando”, presente na segunda matéria. Mesmo que se trate de um crime praticado pelo homem, as matérias ainda buscam explorar na narrativa elementos como detalhes da cena do crime, da aparência da mulher, de sua conduta pessoal e, principalmente, do seu passado. Nota-se que as escolhas realizadas pela mulher ao longo de toda a sua vida, mesmo que não tenham a mínima relação com o ato para serem debatidas nesse contexto, são expostas como forma de fundamentar a agressão. Nesse sentido, a mídia é um importante espaço de disseminação de ideias e princípios, operando como um elemento de formação da

opinião pública. Por funcionar como modeladora de condutas e orientar as escolhas dos sujeitos, o jornalismo atua como propagador de valores e determina padrões sociais. Diante disso, possui grande influência na construção da imagem feminina, podendo interferir diretamente nos hábitos e formas de se comportar em sociedade. Quando se trata da violência doméstica, o veículo precisa tratar a pauta com muito cuidado, pois a ideologia do jornalista pode influenciar diretamente na forma como o público vai receber as informações e interpretá-las.

PALAVRAS-CHAVE: Femicídio; violência doméstica; discurso; pandemia

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, L. Gênero: representações e identidade. *Sociologia - Problemas e Práticas*, no 14, p. 127-140, 1993.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Anuário brasileiro de segurança pública. Ano 14. São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

MORENO, R. *A imagem da mulher na mídia: controle social comparado*. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

ORLANDI, E. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. Campinas: Pontes, 2009.